

---

Experiência Visitada: Rodovia Interoceânica e Iniciativa MAP na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia – ES

---

Quando soube que teria a incrível oportunidade de participar do CLIU, estava no auge do processo de finalização do meu projeto de iniciação científica. A pesquisa que realizava tinha caráter estritamente quantitativo e teve a duração aproximada de um ano. Durante este período não realizei uma única entrevista, mas tive a oportunidade de aprender um pouco mais sobre análise de dados em grande escala, lidando com cálculos estatísticos. Esta experiência de certa forma moldou minhas percepções a respeito da pesquisa acadêmica, aproximando-a do formalismo matemático das planilhas eletrônicas.

O CLIU me apresentou uma perspectiva distinta sobre pesquisa acadêmica. Enquanto participei do programa fui orientado a conversar com as pessoas nas ruas, nas lojas, no governo e até mesmo em suas casas. O meu lugar não era mais o do pesquisador-máquina, escondido atrás de um computador asséptico, elaborando formas e fórmulas para dar origem à uma pesquisa pretensamente neutra, mas o do pesquisador-conversador, cujo objetivo era entrar em contato com um número relevante de atores locais, em busca de interpretações diversas sobre os fenômenos que se desenrolavam na região.

De certa forma, após muito conversar com a minha monitora e assistir algumas aulas de preparação para a imersão em campo, tinha em mente que a pesquisa seria sobretudo o relato de uma intensa viagem, pois acreditava ser muito difícil chegar a conclusões assertivas sobre fenômenos sociais complexos sem o uso de ferramenta estatístico. Minha missão seria, dessa forma, vasculhar com olhar atento um território que muito possivelmente já fora objeto de pesquisa por diversas vezes. A preocupação que tinha, a priori, era justamente o fato de que possivelmente não encontraria nada original em minhas visitas.

Ledo engano.

O principal aprendizado que tive com a experiência do CLIU foi justamente entender que a apropriação de conhecimento a partir da pesquisa de campo é uma experiência bastante pessoal. O objetivo da imersão em campo, por sua vez, não seria encontrar algo absolutamente original ou desconhecido, mas um modo diferente de olhar e pensar determinadas realidades a partir das informações coletadas e das experiências observadas. Nesse sentido, sendo a conversa um dos principais instrumentos da pesquisa qualitativa, o relato da viagem seria a forma mais adequada de relatar o processo que permitiu a realização da pesquisa.

Acredito, por fim, que toda a minha carreira profissional ficará profundamente marcada pela

---

---

experiência do CLIU sobretudo graças à filosofia da humildade que está imbricada por detrás das técnicas de pesquisa que aprendi nesse processo, resumida aqui em dois pontos. Esta filosofia parte do princípio que as pessoas comuns, por mais simples que sejam, sabem mais sobre suas próprias vidas que quaisquer autoridades, e que o estudo da realidade social que as cerca não pode prescindir de sua preciosa opinião, restando aos pesquisadores à tarefa de se dirigir à elas e perguntar o que está acontecendo, para que assim possam aprender com elas, não se bastando em discursos - e estatísticas - oficiais. Esta filosofia também parte do reposicionamento do papel do pesquisador, que de acordo com Spink (2008) é "[...] somente um entre muitos membros competentes de uma comunidade moral, que busca arguir e agir para melhorias, tal como também fazem as outras. [...]".

Por simples que pareça, dar início à aproximação e coleta de informações não é tarefa fácil, mas posso assegurar: foi uma experiência única e enriquecedora.

---